

Aprender história pela Internet

Dilton Cândido Santos Maynard*

Resumo: A pesquisa analisa as relações entre a Internet, o ensino de história e os grupos de extrema-direita. Investigamos a apropriação por grupos de extrema-direita dos sites educativos. Espaços virtuais destinados a servir como suportes pedagógicos, algumas destas páginas têm funcionado como veículo para divulgação de supostas revisões da história. Nelas o navegante pode, por exemplo, encontrar verbetes, artigos e imagens e participar de fóruns voltados a estabelecer como falsificações as memórias sobre as experiências do Holocausto na II Guerra Mundial. Portais como o www.metapedia.org, autodenominado “a enciclopédia alternativa” exemplifica os usos de ferramentas eletrônicas dedicadas a promover uma leitura intolerante da história sob a pretensa pátina de luta por liberdade de expressão.

Palavras-chaves: História; Internet; Ensino

Abstract: This research examines the relationship between the Internet, the teaching of history and the extreme-right movements. Our analysis investigated the use made by extreme right groups of the educational websites. Virtual spaces designed to serve as teaching media, some of these pages have worked as a vehicle for dissemination of purported revisions of history. Portals like www.metapedia.org or "Alternative Encyclopedia" exemplify the use and consumption of electronic tools to promote a reading intolerant of history. These sites say only defend freedom of speech.

Keywords: History, Internet, Teaching

*Quem mexe com internet
Fica bom em quase tudo
Quem tem computador
Nem precisa de estudo
Estudar pra quê?
Quem mexe com internet
Fica rico sem sair de casa
Quem tem computador
Não precisa de mais nada
Estudar pra quê?*

(Estudar pra quê? Pato Fu, Composição: John)

“Estudar pra quê?” Pergunta o refrão da música. Os motivos para o questionamento são explicados em seguida: “quem mexe com internet fica bom em quase tudo/quem tem computador/nem precisa de estudo”. A inquietação resultante da crença nos mitos da Internet

* Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. Grupo de Estudos do Tempo Presente. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Este texto resulta de pesquisas apoiadas pela UFS através do PAIRD.

motiva a pesquisa aqui apresentada. Ela analisa as relações entre a Internet, o ensino de história e os grupos de extrema-direita. Sabe-se que o advento da rede mundial de computadores, em meados dos anos 1990, produziu uma explosão documental sem precedentes. Com a emergência de diferentes portais na world wide web, desenhou-se um oceano de informações. Afloraram daí múltiplas memórias e tentativas de reescrita da história. Entre tais projetos de reconstrução historiográfica, está a apropriação por grupos de extrema-direita dos sites educativos. Espaços virtuais destinados a servir como suportes pedagógicos, algumas destas páginas têm funcionado como veículo para divulgação de supostas revisões da história. Nelas o navegante pode, por exemplo, encontrar verbetes, artigos e imagens e participar de fóruns voltados a estabelecer como falsificações as memórias sobre as experiências do Holocausto na II Guerra Mundial. O internauta também é orientado a rever seus conceitos sobre figuras como Adolf Hitler, Benito Mussolini e Martin Luther King. Em meio a apropriações simbólicas e batalhas da memória, estes portais são exemplos de ferramentas eletrônicas dedicadas a promover uma leitura intolerante da história sob a pretensa pátina de luta por liberdade de expressão.

A Internet e o ciberespaço

Poderíamos definir a Internet como “a rede das redes, o conjunto das centenas de redes de computadores conectados em diversos países dos 6 continentes” (GATES, 1995). Por sua vez, chamamos de ciberespaço “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. (LÉVY, 1999:16-17).

Fisicamente, a Internet equivale a uma estrada da informação – mais propriamente a uma *superestrada da informação*, termo cunhado pelo então senador Al Gore, em 1978, numa referência às auto-estradas abertas pelos EUA na gestão Dwight D. Eisenhower, entre 1953 e 1961 (CASTELLS, 2003). A rede vivenciou um rápido crescimento. No Brasil, se considerarmos o índice de usuários residenciais ativos – isto é, aqueles que acessam a rede ao menos uma vez por mês – o salto entre 2005, ano em que 12,2 milhões de pessoas se encaixavam nesta classificação, e os 24,5 milhões de usuários em 2008 (Cf.Ibope/NetRatings), observamos uma ampliação consistente.

Neste universo em expansão, seria possível estabelecer uma tipologia dos “sítios” atualmente existentes? Mesmo considerando a fragilidade de explicações e a efemeridade de diagnósticos neste terreno movediço onde “a pesquisa não pode ser completa quando seu

objeto (a Internet) se desenvolve e muda muito mais depressa que o sujeito” (CASTELLS, 2003:11), acompanhamos a classificação feita por Bresciano:

1. Sites institucionais – oferecem subsídios para o estudo de diversos traços da sociedade civil e da sociedade política
2. Sites empresariais – oferecem subsídios para a História econômica (produção, circulação e distribuição de materiais)
3. Sites Pessoais – informações profissionais e pessoais (atividades cotidianas, lazer e trabalho)
4. Sites Comunitários – espaços significativos de sociabilidade
5. Sites de comércio eletrônico – imprescindíveis para o estudo das atividades econômicas, dos hábitos de consumo, das estratégias publicitárias etc.
6. Sites recreativos – auxiliam no estudo das atividades lúdicas no ciberespaço, bem como das formas contemporâneas de diversão.
7. Sites informativos – auxiliam no acesso a agências de notícias, periódicos, sem a necessidade das hemerotecas convencionais
8. Sites referenciais – São fundamentais para se entender como se organiza o saber atualmente.
9. Sites para a identificação e acesso a outras páginas da Internet. Podem ser “portais”, “diretores”, “buscadores” e “arquivos”. (Conforme BRESCIANO, Juan Andrés. I historiador y las fuentes electrónicas. Nuevos horizontes para La crítica heurística en siglo XXI. <<http://WWW.h-debate.com/Sesión 15/05/08 Seminario “on line”>> acesso 12 dez. 2008).

É principalmente nesta última categoria que se encaixa o caso selecionado para análise neste estudo. Apesar disto, reconhecemos que a maioria dos websites é, atualmente, híbrida em suas estruturas, não podendo ser bruscamente delimitadas a um ou outro rótulo. Ainda assim, acreditamos que a contribuição de Bresciano é relevante.

Aprendendo pela Internet: a web como espaço para o ensino de história

Juan Andrés Bresciano observa que “la aparición de Internet em cuanto red de escala planetária, engendra diversas clases de fuentes, que potencian la labor heurística del historiador en un grado superlativo”. (BRESCIANO, Juan Andrés. I historiador y las fuentes electrónicas. Nuevos horizontes para La crítica heurística en siglo XXI. <<http://www.h->

debate.com/Sesión 15/05/08 Seminario “on line”> acesso 12 dez.2008). Inegavelmente, a natureza do registro histórico tem mudado de muitas maneiras. Ao contrário de outros tempos, experimentamos agora a existência de milhares de canais produtores de informação. Todavia, é importante entender que não se trata de falar de um fim, mas de maneiras complementar o conhecimento produzido sobre o passado.

Como observou Daniel Cohen, nas semanas e meses após o 11/9, museus, bibliotecas, começaram a evidenciar mudanças no processo de registro de informações sobre o acontecimento. A explosão das fontes históricas em uma era digital tornou necessária esta evolução em táticas de preservação. (Cf.COHEN<<http://chnm.gmu.edu/resources/essays/d/39>>acesso 12 dez.2008).

É ainda Cohen quem ressalta o fato de que quando o historiador Michael Kazin rastreou o arquivo 9/11 pela frequência de palavras como “patriótico” e “liberdade” ele obteve algumas conclusões importantes sobre a reação americana aos atentados terroristas. Kazin descobriu que menos americanos do que se imagina viram o 9/11 em termos de nacionalismo ou algo parecido (Idem).

Deste modo, a rede mundial de computadores se tornou um espaço importante para a produção de suportes pedagógicos. Simultaneamente, a rede estabeleceu desafios aos historiadores, exigindo deles um olhar atento sobre o consumo realizado quando o assunto é preparar terrenos no ciberespaço para o cultivo da consciência histórica.

Aprendendo a intolerância pela Internet: a Web como ferramenta da extrema-direita

Um dos websites criados por grupos de extrema-direita com vistas a rever o conhecimento histórico oferecido ao grande público se chama *Metapedia*. Conforme o próprio portal anuncia, a Metapedia “é uma enciclopédia eletrônica sobre cultura, arte, ciência, filosofia e política”. O portal funciona atualmente em 14 idiomas. A quantidade de verbetes varia de língua para língua. Enquanto em alemão há 5740 verbetes, em inglês o número é de 4483 e em espanhol 3865. As contribuições em português chegam a 529.

Ainda segundo os responsáveis pelo site, o epíteto dado à enciclopédia eletrônica (*meta, isto é, “para além de”; e pedia “enkyklios Paidéia”, “enciclopédia”*) compreende um significado duplamente simbólico: primeiramente, informa-se que “a Metapedia centra a sua atenção em assuntos que não são geralmente abordados em – entenda-se, que ficam de fora - enciclopédias oficiais”; em seguida, afirma-se “uma finalidade metapolítica, com o intuito de

influenciar o debate, a cultura e a perspectiva histórica oficiais”
<http://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal> acesso 15 mai. 2009.

Deste modo, uma série de verbetes vem sendo produzida para abordar os tais assuntos não-abordados. O resultado deste trabalho é um conjunto de textos que ignoram as produções historiográficas estabelecidas e sugerem uma interpretação da história, anunciada sempre como fruto de pesquisas e com métodos (os mesmos que são vilipendiados nos demais trabalhos), uma história enquadrada como messiânica por seu caráter revelador. As distorções são frequentes. Podemos encontrar afirmações como, por exemplo, “o Integralismo brasileiro é considerado o primeiro e o maior movimento de massa da História do Brasil” <http://pt.metapedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_Integralista_Brasileira> acesso 15 mai.2009.

Criado em 2006, o site, baseado na plataforma da *Wikipedia* – enciclopédia digital, alvo de contínuas polêmicas por ser alimentada através de verbetes elaborados pelos próprios usuários -, a Metapedia se autodenomina “a enciclopédia alternativa”. Ali, encontraremos o seguinte no verbete Adolf Hitler:

Adolf Hitler nació el 20 de abril de 1889 en Braunau am Inn, Austria y murió el 30 de abril de 1945 en Berlín. Fue un militar y político alemán de origen austríaco que estableció un régimen nacionalsocialista en el que recibió el título de Reichskanzler (canciller imperial) y Führer (caudillo, líder o guía).

Como jefe del Partido Nacionalsocialista Obrero Alemán (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei o NSDAP), dirigió el gobierno del país de 1933 a 1945.

Llegó al poder el 30 de enero de 1933 cuando una gran crisis se abatía en Alemania luego de más de una década de la denominada República de Weimar. Hitler era un orador carismático. Reestructuró la desastrosa economía dándole trabajo a casi seis millones de desocupados en pocos años.

Dejó sin efecto el vergonzoso Tratado de Versalles en el cual se humillaba a Alemania con cláusulas increíbles.

En los últimos días de la Segunda Guerra Mundial, Hitler y su esposa, Eva Braun, se suicidaron en su búnker subterráneo de Berlín.

< http://es.metapedia.org/wiki/Adolf_Hitler> acesso 13 mai.2009.

Desta maneira, todo o anti-semitismo, toda a intolerância são apagados. Hitler é apenas mais um estadista, orador carismático e administrador admirável por reestruturar a economia germânica. Se há cuidado em lembrar o Tratado de Versalhes (1918) como “vergonhoso”, esquecem-se todas as acusações elencadas contra o ditador alemão, todos os atos de violência e desrespeito a judeus, ciganos, homossexuais, portadores de necessidades especiais, realizados sob a inspiração do Führer.

A versão em português do mesmo verbete não nega o racismo. Porém, se encerra com a observação de que

Hitler era uma pessoa polida e cordial no trato particular, quase paternal, a confiar na narrativa de Traudl Junge, sua secretária. Quando de suas visitas a Munique, Hitler gostava de se reunir com seus camaradas no restaurante da rua Schelling, sempre pedindo um prato de ravioli e água mineral Fachinger ou Apollinaris<http://pt.metapedia.org/wiki/Adolf_Hitler> acesso 13 mai.2009.

Outro representante de idéias xenófobas também possui um verbete na Metapedia. Vejamos o que se escreve sobre Jörg Haider:

Jörg Haider (Bad Goisern, 26 de Janeiro de 1950 — Klagenfurt, 11 de Outubro de 2008) foi um político nacionalista austríaco fundador dos partidos Aliança pelo Futuro da Áustria (BZÖ) e Partido da Liberdade Austríaco (FPÖ). Foi governador da Caríntia de 1999 até à data da sua morte. Haider foi durante muito tempo o líder do Partido da Liberdade Austríaco (FPÖ). Apesar de se ter demitido da presidência do partido em 2000 manteve-se como a figura mais mediática do partido até Abril de 2005, altura em que fundou a Aliança pelo Futuro da Áustria (BZÖ). Faleceu num acidente de automóvel no dia 11 de Outubro de 2008, pouco depois das eleições parlamentares no decorrer das quais foi cabeça de lista pela Aliança pelo Futuro da Áustria.

<http://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal> acesso 12 mai.2009.

Temos, portanto, um político exemplar e discreto. Porém, uma versão diferente está postada na já mencionada *Wikipedia*:

Jörg Haider (Bad Goisern, 26 de Janeiro de 1950 - Klagenfurt, 11 de Outubro de 2008) foi um político austríaco, nacionalista, à data da sua morte era presidente da Aliança para o Futuro da Áustria (BZÖ) e governador da Caríntia.(...)Morreu vítima de um acidente de automóvel. Jörg Haider conduzia embriagado com uma taxa de alcoolemia de 1,8 gramas de álcool por litro de sangue^[1] quando a sua viatura se despistou a 142 km/h numa estrada em que a velocidade máxima permitida é de 70 km/h. Haider tinha estado momentos antes num bar de homossexuais^[2] nos arredores de Klagenfurt, a capital da província austríaca da Caríntia^[3]. Segundo declarações de Stefan Petzner, que lhe sucedeu como líder da Aliança para o Futuro da Áustria (BZÖ), mantinha com ele, 31 anos mais novo, uma relação amorosa.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B6rg_Haider> acesso 12 mai.2009.

Todos os grifos acima são nossos. O verbete da *Wikipedia* é corroborado por diferentes noticiários divulgados pela imprensa mundial pouco após a morte de Haider. Conforme o jornal *O Público*:

“depois do acidente de automóvel que o vitimou, foi revelado que não só o líder populista – que foi durante muitos anos a face da extrema-direita austríaca – conduzia em excesso de velocidade, como tinha níveis de álcool no sangue quatro vezes superiores ao permitido. Ficou igualmente a saber-se então que Haider tinha passado as suas últimas horas de vida num bar “gay” em Klagenfurt, capital do estado do qual era governador”.
<<http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1347187>>acesso 13 mai.2009

O mesmo jornal informou ainda:

O sucessor do líder populista Joerg Haider, Stefan Petzner, está a causar alguma agitação na Áustria ao afirmar que mantinha uma relação "que ia para além da

amizade" com o falecido líder do BZO, que morreu no dia 11 de Outubro num desastre de automóvel. Numa entrevista radiofônica, o novo líder, de 27 anos, deu a entender, desta maneira, que manteria com Haider uma relação amorosa.

<http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1347187>>acesso 13 mai.2009

Entre os verbetes, há desvios significativos. Esquecimentos providenciais são feitos por companheiros dos mesmos grupos que costumeiramente se apegam aos detalhes. No primeiro, não há nenhuma menção ao suposto homossexualismo de Haider. Tampouco se falou da bebedeira que precedeu a sua morte. Algo que, curiosamente, foge ao positivismo ingênuo de alguns revisionistas e adeptos do “europeísmo”, como se afirmam os mantenedores do Metapedia. Ao lidar com a memória de Haider, este que foi considerado por Wallerstein um perigoso lembrete à Europa do nascente século XXI, a “enciclopédia alternativa” assume uma postura que, se vista por um viés Freudiano, é surpreendida em fuga apressada da dor provocada pela decepção (FREUD, 1987:73-148).

Haider, expoente da extrema-direita e Homossexual? Vítima de uma conspiração internacional ou um fanfarrão embriagado? Os textos revelam, de modo muito discreto, o receio em enfrentar tais polêmicas. O silêncio domina a situação. Como nos lembra Ginzburg, Alguns indícios mínimos podem ser assumidos como “elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade” (GINZBURG, 1989:170). A discreta tessitura do verbete Haider é um exemplo, em um universo mais amplo, de adequações circunstanciais realizadas para adaptar as expectativas dos mantenedores do Metapedia à sua visão de mundo.

Ora, há muito é sabido que nosso conhecimento do passado é “indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 1989:157). Neste tempo recente, é válido observar quais os expedientes criados para o controle de meios de intervenção no imaginário social e na própria concepção de interpretações da história. Não se trata de defender uma campanha de policiamento, mas de ressaltar a importância de o historiador se aproximar das fontes eletrônicas, da necessidade dele adentrar e tomar posse do ciberespaço enquanto uma fonte. Ao defendermos os usos do ciberespaço para a investigação histórica, procuramos afastar qualquer perspectiva fetichista, presenteísta, uma espécie de busca pela última moda. Como nos lembrou Pierre Lévy “nem a salvação nem a perdição residem na técnica. Sempre ambivalentes, as técnicas projetam no mundo material nossas emoções, intenções e projetos. Os instrumentos que construímos nos dão poderes mas, coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos”. (LÉVY, 1999:16-17).

Ocorre que se a Internet legou ao mundo contemporâneo oportunidades inéditas de contato, difusão do conhecimento e solidariedade. É preciso ter em mente os desafios que envolvem tais mudanças, pois “a era da chamada sociedade da informação é também a da produção de estados mentais”, mas “a Liberdade política não pode se resumir no direito de exercer a própria vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade”, escreveram Armand e Michele Mattelart. “Estudar para quê?”, pergunta, insistente, a música. Desafiados, os historiadores têm que sorrir com a canção e refletir a aventura dos homens em tempos de ciberespaço (MATTERLART & MATTERLART, 2001:187).

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BOBBIO, Noberto. **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CERTEAU, Michel de. Michel de Certeau: a cultura do consumo. “Entrevista”, *Le Monde*, 31 de janeiro de 1978. In: MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 4 ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2001.p.156
- _____. **A Invenção do cotidiano: artes do fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- COHEN, Daniel J. The Future of Preserving the Past <<http://chmm.gmu.edu/resources/essays/d/39>> acesso 10 dez.2008.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p.73-148.
- GATES, Bill. **A estrada para o futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-179
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed34, 1999.
- MATTERLART, Armand & Michele. **Histórias das Teorias da Comunicação**. Trad. Luiz P. Rouanet. 4ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.p.187.